

# Reflexões sobre a Linguística Popular: O *Novo Dicionário Cearense*, Práticas Linguísticas e Hipóteses Leigas

*Reflections on Folk Linguistics:  
The “Novo Dicionário Cearense”, Linguistic practices  
and lay hypotheses*

Marcelo Rocha Barros Gonçalves<sup>1</sup>, Agne Henrique Santos Poço<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, apresentamos algumas reflexões sobre a Linguística Popular a partir dos conceitos de práticas linguísticas e hipóteses leigas, ou seja, momentos em que falantes comuns, sem formação na área de estudos da linguagem, produzem análises sobre determinados fenômenos linguísticos. Na perspectiva de Niedzielski; Preston (2021, p. 13), a Linguística Popular busca identificar e examinar as crenças e atitudes das pessoas sobre a linguagem em diferentes dimensões — como a produção da fala, a percepção e o processamento cognitivo —, reunindo e analisando comentários explícitos feitos por falantes não especialistas. Nosso objetivo principal é analisar o "Novo Dicionário Cearense: Expressões e termos usados pelos Cearenses" de autoria de Anchieta Dantas, conhecido como Zé do Jati (Dantas, 2020), considerado aqui um não linguista. Trata-se de um dicionário não acadêmico, editado em formato de Cordel, e distribuído para aquisição em Feiras Populares, Feiras de Artesanato Regional e nos Mercados Públicos no Estado do Ceará.

---

1 Marcelo Rocha Barros Gonçalves, Doutor, professor associado da UFMS, <https://orcid.org/0000-0002-1894-9746> , [marcelo.barros@ufms.br](mailto:marcelo.barros@ufms.br) .

2 Agne Henrique Santos Poço, graduando em Letras UFMS, <https://orcid.org/0009-0007-7845-1281> , [agnehenrique44@gmail.com](mailto:agnehenrique44@gmail.com).

**Palavras-Chave:** Linguística Popular. Novo Dicionário Cearense. Práticas Linguísticas. Hipóteses leigas.

**Abstract:** *In this paper, we present some reflections on Folk Linguistics based on the concepts of linguistic practices and lay hypotheses, that is, moments in which ordinary speakers, without training in language studies, produce analyses of certain linguistic phenomena. From the perspective of Niedzielski and Preston (2021, p. 13), Folk Linguistics seeks to identify and examine people's beliefs and attitudes about language in different dimensions—such as speech production, perception, and cognitive processing—gathering and analyzing explicit comments made by non-specialist speakers. Our main objective is to analyze the "New Ceará Dictionary: Expressions and terms used by the people of Ceará" authored by Anchieta Dantas, known as Zé do Jati (Dantas, 2020), considered here a non-linguist. This is a non-academic dictionary, published in the form of a Cordel (a type of Brazilian folk literature), and distributed for purchase at popular fairs, regional craft fairs, and public markets in the state of Ceará.*

**Key-words:** Folk Linguistics. Novo Dicionário Cearense. Linguistic practices. Lay hypotheses.

## Introdução

Neste artigo, apresentamos os resultados (parciais e finais) de diferentes pesquisas desenvolvidas no campo da Linguística Popular. As questões teóricas aqui escrutinadas, de um lado, são reflexões que podem ser consideradas como resultados parciais de dois projetos de pesquisa distintos ainda em andamento: projeto “Linguística popular e ensino: uma relação de nunca acabar – CNPq (Processo nº 405502/2023-0) e projeto “Abecedário de Linguística Popular – Fundect (Processo nº 83/026.855/2024), coordenados respectivamente pelos pesquisadores Roberto Leiser Baronas (UFSCar) e Marcelo Rocha Barros Gonçalves (UFMS). Ao passo que, de outro lado, toda a apresentação dos exemplos e eventuais análises são os resultados finais do Projeto “Novo Dicionário Cearense: uma Lexicografia Popular?” – UFMS/CNPq (Protocolo SIGPROJ VI2SU.120624), desenvolvido no contexto de Iniciação Científica (IC) no Câmpus de Coxim (CPCX) da UFMS.

No que diz respeito às reflexões teóricas sobre a Linguística Popular, além de situar os estudos no campo dos estudos da linguagem e discutir sua relação com as áreas conexas, nosso foco principal centrar-se-á nas discussões sobre as práticas linguísticas e a formulação de hipóteses sobre linguagem proferidas por não linguistas, ou seja, pessoas comuns, de carne e osso, que não têm formação nos estudos linguísticos. Os exemplos

dessas manifestações e suas eventuais análises, que indicam um trabalho esmerado com teorias linguísticas amplamente aceitas no mundo acadêmico, compilam dados colhidos no *Dicionário Cearense*.

Nosso objetivo principal neste trabalho, para além do trabalho de divulgação acadêmica de pesquisas em Linguística Popular, visa estabelecer uma discussão teórica produtiva sobre os falantes comuns, usuários quaisquer da língua portuguesa, no momento em que tecem comentários ou elaboram hipóteses (e, portanto, talvez, estabeleçam alguma teoria sobre linguagem) sobre determinados fenômenos de linguagem. Desta maneira, apresentamos neste breve artigo uma seção dedicada às questões teóricas de Linguística popular, com ênfase na discussão sobre práticas linguísticas e a proposição de uma formulação conceitual a que convencionamos denominar de “hipótese leiga”.

Nas seções seguintes, apresentaremos exemplos e algumas análises de manifestações de falantes comuns sobre língua(gem), com especial foco na construção de hipóteses populares sobre determinadas situações linguísticas. Por fim, pretendemos asseverar a pertinência destas formulações populares para o desenvolvimento de teorias linguísticas (acadêmicas ou não), destacando sua relevância para o enriquecimento das ciências da linguagem de um modo geral.

### **Um pouco de história**

Henry Max Hoenigswald (1915-2003), professor emérito da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, tem sua trajetória registrada em uma memória biográfica cuidadosa elaborada por Cardona (2008); ainda assim, é digno de nota que tal registro permaneça relativamente silencioso quanto ao investimento de Hoenigswald no domínio popular/folk como contribuição para os estudos linguísticos. O texto frequentemente considerado inaugural no campo da Linguística Popular, associado ao reconhecimento do autor, corresponde, na realidade, à apresentação de Hoenigswald (Hoenigswald, 2021) na Conferência de Sociolinguística realizada na University of California (UCLA), em 1964, a qual inclui questionamentos, sugestões e discussões

conduzidas por linguistas contemporâneos, como Dell Hymes, Einar Haugen, Charles Ferguson, William Samarin e Labov, entre outros.

A proposta fundamenta-se, em linhas gerais, na constatação de que há um costume — honroso, indispensável e profundamente arraigado — de desconsiderar os pronunciamentos dos informantes acerca de sua própria língua. Diferentemente do que ocorre em questões extralinguísticas (nas quais basta reconhecer a distinção entre cultura ideal e cultura real para que o pesquisador possa examiná-las separadamente ou em conjunto), no caso da linguagem, uma “história infeliz” teria impedido que os comentários sobre a fala fossem tomados como objeto de interesse: a necessidade de evitar a confusão entre os fatos de fala e os comentários sobre a fala teria sido, por demasiado tempo, premente demais para permitir atenção mais sistemática a essa última dimensão (Bright, [1966] 2020, p. 12).

No debate, Dell Hymes foi o primeiro a se manifestar, avaliando a exposição de Hoenigswald como particularmente fecunda para a Sociolinguística então emergente nos Estados Unidos; para Hymes (1974), notabilizado pelo enfoque etnográfico do uso da linguagem, o autor trazia à tona aspectos do lugar da linguagem na sociedade que poderiam ser negligenciados, ao abrir a discussão acerca dos valores, das opiniões e dos conhecimentos de uma cultura no que se refere à linguagem, bem como sobre a maneira pela qual tais dimensões afetam o lugar social da linguagem (Hoenigswald, [1966] 2020, p. 20). Einar Haugen, por sua vez, sugere a adoção do termo “etnolinguística” em detrimento do então predominante “linguística popular” e observa que, em seus questionários de pesquisa de campo sobre dialetos noruegueses na América, era recorrente solicitar que os participantes explicitassem o que pensavam sobre o próprio dialeto, sobre outros dialetos e sobre a língua padrão; a partir disso, constatou que falantes de dialetos populares não apresentam atitudes homogêneas: alguns dialetos são avaliados como belos e desejáveis, ao passo que outros — inclusive o dialeto do próprio falante — são considerados indesejáveis e feios (Hoenigswald, [1966] 2020, p. 20).

Charles Ferguson, por fim, circunscreve a Linguística Popular ao âmbito da linguística aplicada, sobretudo no que concerne a iniciativas de

alfabetização e de desenvolvimento educacional em países em desenvolvimento, bem como a atividades na área de ensino de línguas estrangeiras; além disso, formula uma das definições mais sucintas e precisas então disponíveis: “o estudo das atitudes que as pessoas têm em relação à linguagem” (Hoenigswald, [1966] 2020, p. 21). Em perspectiva contemporânea, Niedzielski e Preston (2003, p. 2) reiteram a relevância dos estudos inaugurais de Hoenigswald, em particular pelo plano abrangente apresentado para o exame dos comentários sobre a linguagem; em *Folk Linguistics* (Niedzielski; Preston, 2003), por exemplo, discute-se a suposta pobreza e inacessibilidade dos dados populares, bem como algumas objeções formuladas por Labov à época da apresentação de Hoenigswald.

Mas o que é, afinal, a linguística popular?

### **Um pouco de teoria**

A fundamentação teórica da Linguística Popular apoia-se no entendimento de que conhecimentos acerca da língua podem ser elaborados por falantes não especialistas no próprio exercício da linguagem, em consonância ou em contraste com o saber científico produzido por profissionais formalmente treinados. Essa premissa implica admitir que os usuários comuns da língua não apenas têm o que dizer sobre língua e linguagem, mas efetivamente o fazem, inclusive por meio de formulações com alcance teórico. Na perspectiva de Niedzielski; Preston (2021, p. 13): “A Linguística Popular (LP) tem como objetivo descobrir e analisar crenças e atitudes em relação à linguagem em todos os níveis de produção linguística, percepção e incorporação cognitiva, coletando e examinando comentários abertos sobre ela por não linguistas”.

Preston (2011, p.15) formula então uma das definições do que é “popular” nos estudos linguísticos:

I also most emphatically use the term folk in folk linguistics to refer to all persons except academic linguists, just as linguists would be folk in a study of folk botany, folk chemistry, etc.... I definitely do not use the term to refer to rural, marginalized, less educated, or romanticized (‘quaint’) groups. We’re all folk when we step into the world of traditional knowledge and ways of behaving

outside our own technical training. Even then, folk knowledge may be at work when more subcon-scious modes prevail, although, as in the language attitudes of linguists, for example, they may be suppressed from overt comment or behavior by professional knowledge. (Preston, 2011, p.15)

Paveau (2020, p. 19) parte de um potencial paradoxo, considerando a polissemia do termo popular e suas correlações (ordinário, trivial, espontâneo, etc.), para indagar quais objetos e práticas podem ser efetivamente circunscritos como pertencentes ao campo linguístico dos estudos populares. Em outros termos: “[o] paradoxo se configura se nos propomos a considerar a linguística popular como uma estrutura para unificar os objetos e abordagens mencionadas até agora, centrada em torno do conceito de prática” (Paveau, 2020, p. 19, grifo da autora).

Com base em distintas lexias definidoras do que se entende por popular, a metáfora inicialmente proposta por Achard-Bayle e Paveau (2008) desdobra-se, em especial, a partir do ambiente religioso ocidental, no qual, durante a Idade Média, se desenvolveram conhecimentos especializados em contraposição aos saberes populares. Desse contraste decorre a caracterização de fóruns linguísticos realizados fora do templo e, portanto, profanos. Para fins de visualização das práticas linguísticas propostas por Paveau (2020, p. 19-20), apresenta-se o quadro sinóptico a seguir.

Quadro 1. Práticas Linguísticas Profanas

Tipo	Descrição
Descritiva	Descrições ou (pré)teorizações linguísticas (entre o oral e o escrito; conformidade com as regras da língua).
Normativa	Prescrições (normal linguístico; boas práticas de linguagem; repulsa aos neologismos,

	etc.)
Intervencionista	Intervenções preparadas sobre a língua (práticas reais de linguagem como as etimologias populares).
Militantes	Todos os militantes (questionamento de usos linguísticos, especialmente os de caráter racista, homofóbico, machista, etc.)

Fonte: Gonçalves (p.10, 2021)

Registre-se, ademais, que, nessa abordagem de matéria discursiva no contexto francófono, torna-se imperativo compreender que os saberes — especializados e não especializados — não se organizam em uma série escalar antieliminativa.

Nesse sentido, Paveau (2018, p. 9-10) propõe:

A meu ver, é preferível adotar uma visão escalar das coisas. Seria melhor, então, mesmo se essa posição parece iconoclasta para aqueles que creem na pureza e na objetividade da ciência, postular um contínuo entre aqueles que fazem da linguística uma ciência una e aqueles que não. Haveria dois pólos que representariam os extremos teóricos: de um lado, o linguista ‘estudado’, ‘científico’, que manejaria os saberes ‘exatos’; e, de outro, o linguista espontâneo, que produziria análises do tipo daquela época destacada pela vendedora de loja de antiguidades: ‘Ele nunca me diz o que me agrada’ (aspas e grifos no original) (Paveau, 2018, p. 9-10).

Por fim, mas não menos importante, gostaríamos de destacar o *status* do falante comum enquanto teórico da linguagem ao produzir comentários e considerações sobre os fenômenos linguísticos, afastando-o da compreensão de que se trataria de um indivíduo ignorante, rústico ou incapacitado. Sem qualquer menosprezo ao fazer científico, nossa intenção aqui é considerar que

um linguista popular (ou um não linguista, como preferimos) pode evidentemente se manifestar sobre questões de linguagem e que suas considerações sobre quaisquer fatos linguísticos podem entrar na pauta do dia das pesquisas acadêmicas sobre os estudos linguísticos.

Disto decorrem algumas questões de ordem prática, tais como considerar que estas manifestações podem ocorrer em quaisquer níveis de análise linguística (fonologia, morfologia, sintaxe e nos demais níveis superiores – no nível discursivo ou pragmático, por exemplo), sem a pecha de que esses dados seriam pobres ou desqualificados, inacessíveis ou se resumissem apenas a prescrições quase sempre baseadas em instrumentos linguísticos normativos, como é o caso das Gramáticas escolares (normativas) brasileiras. Nosso ponto aqui é o de reconhecer que as manifestações espontâneas de falantes comuns sobre língua(gem) têm a contribuir para o ambiente acadêmico e científico dos estudos linguísticos.

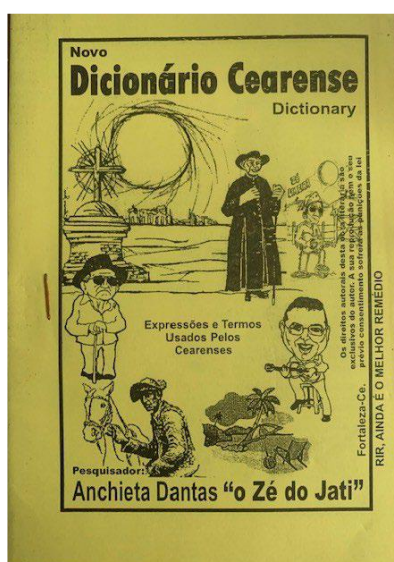
O que temos proposto de novo em nossas pesquisas a partir das discussões sobre a linguística popular no Brasil (Gonçalves, 2021 e Gonçalves; Preston e Baronas, 2023) é que, além de reconhecer que as manifestações podem se realizar sobre quaisquer níveis de análise linguística, elas se tornam ainda mais poderosas quando formulam hipóteses sobre o fenômeno linguístico, ou seja, quando estabelecem algum tipo de teoria popular sobre língua(gem). Dito de outra forma, seria cabível falar sobre uma fonologia popular, uma sintaxe popular, uma dialetologia popular, uma pragmática popular, e assim por diante...

Daí nosso interesse em estudar o *Novo dicionário Cearense*, ou seja, além de tomá-lo como um dado linguístico (popular, por óbvio), intentamos considerá-lo, à luz destes preceitos, como um instrumento linguístico da lexicologia popular. Ante o exposto, o corolário obrigatório é o de que se os dados são populares, as teorias também o podem ser. Nesta esteira, corre também a percepção de que as hipóteses formuladas por não linguistas, hipóteses leigas, não devem ser consideradas como menores ou insuficientes. Já estabelecemos este contraponto, quando nos opomos às teses de Trask (2004) sobre a Linguística Popular (ver Gonçalves; Preston e Baronas, 2023).

## Novo Dicionário Cearense

A descrição e a análise do *Novo Dicionário Cearense* permitiram compreender não apenas sua organização interna, mas também seu papel enquanto registro das manifestações espontâneas proferidas por falantes comuns. O dicionário, publicado em formato de cordel e difundido em feiras do Ceará, ao apresentar expressões idiomáticas de uma determinada região, torna possível observar suas características estruturais e funcionais, permitindo identificar, de maneira mais precisa, os pontos de convergência e de distanciamento em comparação aos modelos tradicionais da lexicografia, especialmente no que tange à incorporação de elementos oriundos da oralidade e da cultura regional.

Figura 1. Capa do Novo Dicionário Cearense



Fonte: Elaborada pelo autor

A investigação das características do dicionário, aliada à análise de sua constituição à luz de referenciais teórico-metodológicos da lexicografia e da linguística popular, possibilita evidenciar tanto seus aspectos formais (como a macroestrutura e a microestrutura) quanto suas dimensões socioculturais. A partir dessa perspectiva, o estudo organiza-se em dois momentos: inicialmente, são apresentadas as principais características da obra; em seguida, desenvolve-se uma análise que visa destacar suas contribuições para a compreensão das práticas linguísticas, sem omitir a diversidade cultural.

## Características do dicionário

O dicionário é uma coleção de registros, de autoria conhecida e leiga, do falar cearense. As entradas são constituídas de uma maneira formal e tradicional: entradas em negrito, em ordem alfabética, acompanhadas de seu significado e uma série numerada de sinônimos (quando há), seguida por um registro entre aspas da ocorrência abonadora (também irregular). A estrutura básica completa das entradas pode ser resumida no seguinte diagrama:

$$E = S + (SS \vee RA)$$

Onde:

(E) é a entrada, (S) o significado, (SS) a série de sinônimos e (RA) é o registro abonador; V é símbolo da disjunção inclusiva, uma vez que as formas SS e RA podem ou não aparecer, juntas ou separadas.

As expressões linguísticas apresentadas, tais como uma ampla coletânea de termos, regionalismos e expressões idiomáticas, derivam do próprio falar cearense. Seu destaque reside na reunião de verbetes que comumente não são contemplados em dicionários tradicionais, mas que são utilizados cotidianamente pelos falantes. No âmbito da História das Ideias Linguísticas (Auroux, 1992), os dicionários são concebidos como instrumentos linguísticos, ou melhor, como tecnologias linguísticas inseridas no processo de gramatização, sobretudo no que se refere à sua produção e circulação.

Outra característica que aproxima o leitor da carga sociocultural dos termos — os quais, em muitos casos, não são amplamente utilizados em contextos formais por apresentarem traços de informalidade — é a presença de humor e ironia. No que se refere à microestrutura, cada verbete é composto por diferentes elementos, evidenciando a possibilidade de criatividade aliada à fidelidade no momento da construção de um dicionário. Ademais, observa-se uma dimensão etnográfica, uma vez que muitos dos vocábulos apresentados têm ligação direta com as práticas culturais da população cearense, transcendendo, assim, as funções meramente lexicográficas e configurando-se como um instrumento de preservação cultural.

Por fim, destaca-se a organização sistemática das entradas, que possibilita um acesso mais rápido à consulta e amplia a acessibilidade do

material para diferentes públicos. Ao manter características de um dicionário formal no âmbito da lexicografia, a obra apresenta uma estrutura sistemática e padronizada, construída com o objetivo de assegurar clareza, rigor e facilidade de uso. Em geral, sua macroestrutura é composta pelo conjunto de verbetes dispostos em ordem alfabética, permitindo a rápida localização da unidade lexical desejada.

### **Análise do dicionário**

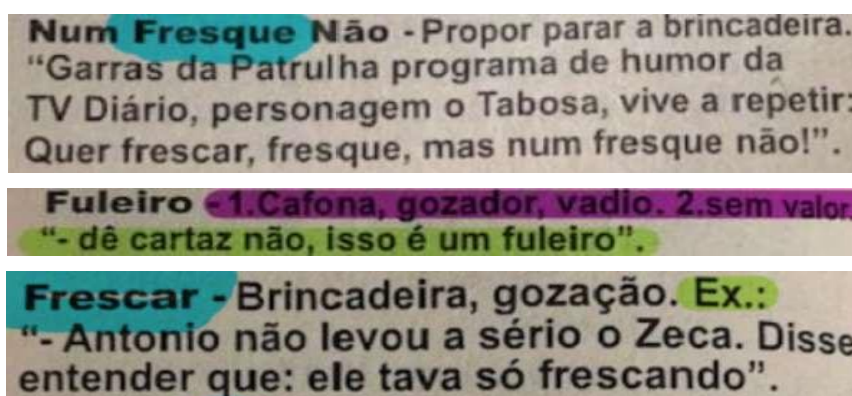
A análise do dicionário evidenciou que as representações das práticas linguísticas presentes no cotidiano podem expressar conhecimentos significativos para o campo da lexicografia sob a ótica da linguística popular. Este trabalho utilizou, como instrumento de estudo para investigar questões lexicográficas, um dicionário publicado em formato de cordel, *Novo Dicionário Cearense*, de autoria de Anchieta Dantas, mais conhecido como Zé do Jati. Trata-se da observação sistemática de sua macroestrutura e microestrutura, bem como das marcas de uso e de suas eventuais inspirações para sua construção.

Poder-se-ia negar o objetivo que a linguística popular carrega — mais especificamente no caso de um não especialista em práticas linguísticas — de gerar um conhecimento relevante para o campo da lexicografia. Na prática, verifica-se o inverso. Seu trabalho, ao ser analisado a partir do referencial teórico da lexicografia, em particular de pesquisas em lexicografia dialetal, pode representar saberes linguísticos que podem ou não se opor ao conhecimento científico.

O método de análise combinou a leitura integral do dicionário para obter seu funcionamento global com a seleção de verbetes mais representativos. Selecionamos verbetes que apresentavam múltiplas acepções, marcas de uso relevantes, observando a presença do humor ou da ironia e elementos formais da lexicografia. A partir disso, trabalhamos nas categorias linguísticas como macroestrutura (ordem de entrada e organização) e microestrutura (acepções e exemplos). Essa abordagem permitiu articular a observação material com a fundamentação teórica.

Essa constatação permitiu vislumbrar que o dicionário popular utiliza as mesmas estruturas de um dicionário acadêmico, tais como: a circularidade das entradas, a enumeração de sinônimos e os exemplos de ocorrência de uso. Embora não deixe explícito seu material de base, pode-se supor que o autor faz referência à estrutura de dicionários formais a partir da seleção lexical que provém de sua experiência cotidiana com a fala popular. Na incorporação de características da cultura popular, o texto demonstra alguns recursos típicos, como o humor e a ironia, os quais aproximam o texto da oralidade, revelando práticas de variação linguística regional.

Figura 2 – Verbetes



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Dantas (2020)

Verifica-se, por exemplo, a presença de circularidade nas entradas (destacada em azul), na medida em que um vocábulo é definido a partir de outros itens lexicais pertencentes ao mesmo campo semântico, como se observa no caso de "frescar". Ademais, identifica-se a enumeração de sinônimos (em roxo), recurso que amplia o escopo de possibilidades de uso, conforme apresentado em "fuleiro", associado a "cafona", "gozador" e "vadio".

Por fim, observam-se exemplos de ocorrências de uso (em verde), registros lexicológicos estes que inserem o vocábulo em contextos reais de fala, contribuindo para a inteligibilidade do significado. Nesse sentido, conclui-se que o dicionário popular não se configura como desorganizado ou inferior, mas apresenta uma estrutura análoga à parâmetros formais da tradição científica.

## Reflexões Finais

Este artigo procurou demonstrar que a Linguística Popular (LP) não constitui um apêndice ingênuo ou um conjunto de curiosidades marginais aos estudos da linguagem, mas um campo teórico-metodológico capaz de iluminar dimensões decisivas da teoria linguística: as crenças, atitudes, avaliações e (pré)teorizações que os próprios falantes produzem sobre sua língua. Ao recuperar o gesto inaugural de Hoenigswald e as discussões suscitadas no âmbito da Sociolinguística nascente, evidenciou-se que a “história infeliz” de separar rigidamente fatos de fala e comentários sobre a fala pode ser superada por uma agenda de pesquisa que tome os enunciados metalinguísticos do cotidiano como dados legítimos.

As intervenções de Hymes, Haugen e Ferguson, ainda que distintas em ênfase, convergem ao reconhecer que o modo como as pessoas falam sobre a linguagem afeta o lugar social da língua, molda percepções de prestígio, beleza, correção e pertencimento, e participa de práticas educacionais e políticas. Em perspectiva contemporânea, a formulação de Niedzielski e Preston reforça esse compromisso ao situar a LP como investigação de comentários abertos sobre linguagem, abrangendo produção, percepção e incorporação cognitiva.

Nesse enquadramento, a contribuição de Paveau foi central para deslocar o debate de uma oposição simplista entre “ciência” e “opinião”, propondo compreender os saberes linguísticos em um contínuo escalar e descrevendo práticas linguísticas profanas — descritivas, normativas, intervencionistas e militantes — que se realizam fora dos espaços institucionalizados do saber. Tal concepção permite, de um lado, reconhecer que os falantes comuns não são agentes deficitários ou “ignorantes”, mas sujeitos que interpretam a língua, a regulam, a intervêm e a politizam; de outro, possibilita refinar o olhar analítico para além da denúncia automática do prescritivismo, investigando, por exemplo, quais problemas sociocomunicativos motivam prescrições, quais experiências de uso sustentam descrições e quais valores orientam intervenções.

É nesse horizonte que ganha pertinência a noção de “hipótese leiga” aqui defendida: quando o não linguista não apenas comenta, mas explica, generaliza e antecipa regularidades, produzindo um raciocínio que pode

dialogar produtivamente com teorias acadêmicas — seja por convergência, seja por fricção. Reconhecer a potência dessas hipóteses implica admitir que pode haver, conforme o fenômeno em pauta, uma fonologia popular, uma sintaxe popular, uma dialetologia popular ou uma pragmática popular, todas entendidas como formas situadas de teorização sobre a linguagem.

Os resultados relativos ao *Novo Dicionário Cearense* permitiram concretizar essas discussões, ao tratar a obra não apenas como repositório de regionalismos, mas como instrumento linguístico de lexicologia popular, produzido em formato de cordel e circulante em espaços de sociabilidade (feiras, mercados, encontros), nos quais oralidade, humor e memória cultural se articulam. A descrição de sua macroestrutura e microestrutura mostrou que o dicionário popular, longe de ser “desorganizado”, mobiliza procedimentos reconhecíveis da tradição lexicográfica — ordem alfabética, destaque tipográfico das entradas, definição, enumeração de sinônimos, e registros abonadores — reconfigurando-os a partir da experiência cotidiana do autor e de um repertório cultural compartilhado.

Elementos como a circularidade definicional, a ampliação de campos semânticos por séries sinonímicas e a inserção do vocábulo em contextos de uso funcionam, simultaneamente, como recursos de inteligibilidade e como indícios das hipóteses leigas sobre sentido, adequação e variação. Além disso, a presença de ironia e comicidade não é mero ornamento: ela opera como marca de avaliação, como estratégia de aproximação com o leitor e como índice etnográfico de práticas e valores locais, fazendo do dicionário um arquivo de cultura e uma forma de metalinguagem socialmente situada.

Em síntese, ao articular história do campo, enquadramentos teóricos e análise de um objeto concreto, o texto sustenta que a LP oferece um caminho frutífero para ampliar as ciências da linguagem, incorporando como dado aquilo que, por muito tempo, foi tratado apenas como ruído: o discurso dos falantes sobre a própria língua. Esse deslocamento tem consequências diretas para a pesquisa e para a formação: (i) estimula metodologias de coleta e análise de comentários metalinguísticos em diferentes suportes (dicionários populares, redes sociais, práticas educativas, debates públicos); (ii) favorece a compreensão de como circulam ideologias linguísticas e como se constroem

hierarquias entre variedades; (iii) aproxima a linguística acadêmica de práticas sociais efetivas, permitindo que descrições e teorias dialoguem com demandas de reconhecimento cultural, de educação linguística e de enfrentamento a preconceitos.

Tomar a sério as hipóteses leigas, portanto, não significa relativizar o rigor científico, mas reconhecer que a experiência dos falantes produz inteligências linguísticas distribuídas, que podem questionar, complementar e, em certos casos, reorientar agendas de pesquisa. O *Novo Dicionário Cearense*, nesse sentido, exemplifica como um artefato profano pode funcionar como uma tecnologia linguística do cotidiano, preservando memórias de uso e oferecendo pistas sobre como a língua é percebida e teorizada por quem a vive. Assim, reafirma-se a pertinência de investigar sistematicamente esses materiais, tanto para enriquecer a descrição do português brasileiro quanto para compreender, com maior densidade, as formas pelas quais sociedades explicam, avaliam e reinventam suas línguas.

## Referências

- ACHARD-BAYLE & PAVEAU, M-A. Linguística popular: a linguística 'fora do templo' – definição, geografia e dimensões *in* Revista Fórum linguístico, (2008) 2020. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n4p4257/42452>
- AUROUX, S. A Revolução Tecnológica da Gramatização. Campinas: Unicamp, 1992.
- BRIGHT, W. (org.). Sociolinguistics. Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference. Haia-Paris: Mouton, [1966] 2020.
- CARDONA, George. Henry Hoenigswald. Biographical Memoirs: Volume 89, v. 89, p. 181, 2008.
- DANTAS, A. Novo Dicionário Cearense: Expressões e termos usados pelos Cearenses. Editora Katre-Vage Ltda, Fortaleza, Ceará: 2020.
- GONÇALVES, Marcelo Rocha Barros. A Linguística Popular e a Historiografia Linguística. Revista da ABRALIN, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 609–620, 2021. DOI:

10.25189/rabralin.v20i3.1972. Disponível em:

<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1972>. Acesso em: 11 maio. 2026.

GONÇALVES, Marcelo Rocha; PRESTON, Dennis; BARONAS, Roberto Leiser. Linguística Popular. Revista da ABRALIN, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 1–10, 2023. DOI: 10.25189/rabralin.v22i2.2185. Disponível em:

<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2185>. Acesso em: 11 maio. 2026.

HYMES, D. *Studies in the History of Linguistics: Traditions and Paradigms*. Bloomington: Indiana University Press, 1974.

HOENINGSWALD, H. Uma proposta para o estudo da Linguística popular. IN: BARONAS, R. L.; CONTI, T. C. B; GON-ÇALVES, M. R. B. *Linguística popular/Folk linguistics: saberes linguísticos de meia tigela?* Campo Grande, MS, EdUFMS, 2021.

NIEDZIELSKI, Nancy A.; PRESTON, Dennis Richard. *Folk linguistics*. Walter de Gruyter, 2003.

PAVEAU, Marie-Anne. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. *Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, v. 3, n. 2, p. 21-45, 2018.

PAVEAU, M. *Linguística folk: uma introdução*. Organizado por Roberto Leiser Baronas, Tamires Cristina Bonani Conti e Julia Lourenço Costa. Araraquara: Letraria, 2020.

PRESTON, Dennis. *Methods in (applied) folk linguistics*. *AILA Review* 24, pg. 15-39, 2011.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad. de Rodolfo Ilari, com a revisão técnica de Ingedore Villaça Koch e Thaís Cristófaros Silva. São Paulo, SP: Contexto, 2004.

Recebido em: 16-05-2026

Aprovado em: 01-06-2026